

# A ARTE MUSICAL

Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração

Praça dos Restauradores  
43 49

Proprietario e director LISBOA Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial—C. da Gloria, 8 José Nicolau Pombo

SUMMARIO: — Beethoven — Um hymno portuguez — Notas vagas — Paul Lacomme — Concertos — Noticiario.

## Beethoven

No proximo domingo, 17, solemnizam as cidades cultas um magno acontecimento nos annaes da historia musical de todos os tempos.

Faz n'essa data 135 annos que nasceu o mais sublime de todos os musicos, o divino auctor da *Nona Symphonia*, o inegalavel e genial Beethoven, e rara será a capital civilisada que, com as proprias obras do glorioso Mestre, não entõe hosannas em sua honran'essa da memoravel.

Nós somos d'esses raros e Lisboa que tudo copia e servilmente imita quanto vem sellado lá de fora, ainda não soube estimular-se com o exemplo sadio que de lá dimana, em materia d'arte elevada e grande.

Que vergonha que para uma terra como esta ainda seja um mytho essa mesma *Nona Symphonia*, esse magestoso clamôr que o maior genio da musica, desdobrando as suas grandes azas de aguia gigante, quiz lançar ao mundo n'um hymno de conciliação e de alegria!

Que vergonha e que mizeria!

Ao deixarmos consignada na *Arte Musical* a data aurea de um centenario tão glorioso, não resistimos ao prazer de offerer aos nossos leitores a reproducção de duas obras d'arte beethoveniana, que para muitos serão desconhecidas.

E' uma d'ellas essa cabeça sugestiva e palpitante, que Aronson, um celebre artista russo, acaba de esculpir no bronze e que as multidões vão saudar no domingo, em Bonn, junto á casa do musico eterno. Admiravel cabeça, em verdade, que tão bem evoca o genio creador do grande homem e a sua torturada existencia d'artista.

Dizem que o esculptor, em menos de uma hora e em presença das principais entidades de Bonn, executára no barro esse mesmo modelo que a nossa gravura reproduz. E esse extraordinario *tour de force* só se explica pelas pacientes investigações do artista e pelos trabalhos previos a que se votou, sem descurar nenhum promenor da vida do

seu heroe nem nenhum documento que o pudesse ajudar na concepção definitiva de tão bella obra.

Seja como fôr, é uma cabeça que nos prende e que invencivelmente nos domina e suggestiona.



Cabeça de Beethoven, pelo esculptor Aronson (em Bonn)

O outro trabalho, mais conhecido entre nós, e não menos bello, é a formosissima tela de José Malhóa, representando a *Apotheose do Mestre*.

Crêmos, sem consciencia de exagêro, que seja esta a mais radiante perola da iconographia musical portugueza.

nuinamente á ideia que d'elle fazemos, na melancolica severidade da concepção genial. E se o estudo physiologico d'essa figura primacial do quadro nos interessa ao ultimo ponto, na soberba expressão, quasi leonina, do rosto, no abandono e naturalidade da pose, e até no aspecto, um tanto *trappu*,

do conjuncto, que diremos da nota psicologica que ali transparece?

A cabeça de Beethoven está-se vendo *por dentro*, permitam-nos a expressão.

O beijo ideal com que a *Inspiração* lhe está sellando a fronte é o sôpro divino d'onde nasceu a *Sonata a Kreutzer* e a *Nona*.

E n'esse momento sublime, que o engenho e a phantasia de José Malhoa colheram em flagrante, estão-se formando, n'aquelle cerebro dantesco, as extranhas scintillancias que hão de compôr, em escriptorio d'ouro, alguma d'essas obras primas que o mundo todo admira!



A «Apotheose de Beethoven», quadro de J. Malhóa (na sala de musica de um amador)

José Malhóa pôz ali toda a sua bella alma de artista, espargindo á flux as mais luminosas tintas de uma palheta privilegiada, e dando-lhe aquella cõr e aquella luz que são só d'elle e que só elle sabe fazer vibrar com tão empolgante intensidade.

A physionomia do Mestre responde ge-

soubemos reprimir ha pouco. Agora, na contemplação, ainda que momentanea, d'estas duas formosas peças d'arte, o espirito inclina-se á benevolencia e á conformação...

L.

## UM HYMNO PORTUGUEZ

*Meu caro Lambertini*

Julgo que conhece um formoso hymno, pequeno, simples, mas de forma elevada e expressiva, que tem o nome *Adeste Fideles*, e anda transcripto para órgão, piano, e violino, violoncello, etc., com acompanhamento de piano?

A 15 de março vi na interessante *Cyclopedia of Music and Musicians* de Champlin e Aphorp, a pag. 146 do 3.º vol. que este hymno é portuguez, e tem este titulo. Diz a Encyclopedia americana:

«*Portuguese Hymn* (*Adeste fideles*). A sua origem é desconhecida, mas suppõe-se que foi primeiro cantado na Inglaterra, na capella catholica romana da Embaixada portugueza, da qual tomou o nome.

A musica é attribuida a John Reading, que escreveu *Dulce Domum*, e tambem a um Mr. Thorley organista inglez. Está impresso no moderno Manual latino das Devocões da Igreja catholica romana, intitulado *Thesaurus Animæ Christianæ* publicado por C. Dolman, Londres 1857; e uma nota de este livro reclama-o como a continuação da Natividade de Christo, tirada do Gradual dos monges cistercienses — *Notes and Queries*. 4.ª series, 1 vol. pag. 12, 186, e vol. xi pag. 75, 219».

Consultei o Grove, visto haver muitos Readings. Grove errou n'este ponto, attribuindo o nosso hymno a um John Reading, nascido em 1677, discipulo do celebre dr Blow, e fallecido em 1764. Está provado por Cowan e Love e por William A. Cummings, que este Reading nunca escreveu em latim, e que o estylo da sua musica é em tudo diferente da do hymno.

Do verdadeiro ou do supposto autor real do hymno, sabe-se que foi nomeado organista da cathedral de Winchester em 1675, pelo que poderia tel-o composto em 1680, que é a data que Novello lhe attribue por tradição.

Não ha porem dados positivos, tudo são probalidades, como o demonstrou largamente Julian Marshall a pag. 49 do vol. III *Notes and Queries* 1881.

Segundo J. S. Shedlock (pag. 55 vol. I *Notes and Queries* 1904) o mais antigo manuscrito em que apparece é no *Cantus Diversi pro Dominicis et Festis per annum*, pelo padre John Francis Wade, em 1751 e conservado no Stonyhurst College; o outro está no *An Essay on the Church Plain Chant* por J. P. Coghlan publicado em 1782.

A darmos credito ao erudito Henry Parr, que levantou esta questão na revista citada,

o hymno é moderno pela sua natureza e estylo, e data da segunda metade do seculo xvii.

Isto confirma a declaração de Vicente Novello, na sua edição de 1843 d'este hymno, de que elle é uma *Air by Reading, 1680*; mas esta affirmacão nunca foi provada nem pelos seus contemporaneos nem pelos seus successores. E esta questão andou por mais de 20 annos na moderna imprensa ingleza.

Cotejando porem todas as informações, parece que o hymno foi cantado na cathedral de Lincoln, onde outro John Reading foi organista desde 21 novembro 1702 até 1707. Como se explica este silencio sobre um hymno tão popular, entre 1680 e 1702?

Isto se repetirá, como o leitor attento vae ver, porque a primeira informacão é de 1785!

N'este anno, pelo que diz o *Congrational Psalmist* de Allon e Gaumtlet, o duque de Leeds, então director dos concertos de musica antiga, ouviu-o na Capella Portugueza. Elle diz em 1785 pouco mais ou menos; e ajunta que o duque suppondo-o peculiar ao serviço portuguez, o introduziu com este nome nos concertos da sociedade.

O *Cristian Knowledge Hymnal* informa porem que o hymno foi *arranjado* por Vicent Novello para a capella portugueza, da qual foi organista desde 1797 até 1822; e d'ahi o nome de *hymno portuguez*. Esta authoridade tem pouco credito, é certo: mas o proprio Novello chamou ao hymno *Air by Reading*, contou a historia da audiçã pelo duque de Leeds, concluindo por dizer que o hymno se não limita ao coro da Capella portugueza, porque é o hymno regular do Natal cantado em todas as capellas catholicas.

Effectivamente em 1820 elle era cantado em geral nas igrejas de Lancashire. John Tweed informou depois — é J. F. S. repetiu-o na sua *Catholic Church in Scotland* — que esta aria fez furôr na Escocia, e que se encontra, apezar de catholica, em todas as collecções da Igreja presbyteriana.

Isto nada prova quanto á origem portugueza do hymno. Comtudo esta é a idéa geral proveniente quer da affirmacão — nunca demonstrada — de Novello, quer da sua confirmacão por John Whitaker e outros.

Não se lhe tirou porem nunca o nome de *portuguez*; e o extranho é que não appareça no Breviario, nem no Missal Romano, nem no *Thesaurus* de Daniel, por mais que seja o hymno popular do Natal. E foi exactamente esta popularidade que attrahiu a attencão dos auctores da Encyclopedia americana e a minha. Ha mais de 20 annos, que anno a anno, antes do Natal, alguem appa-

recia, escrevendo para as *Notes and Queries* — «aproxima-se o Natal, quem nos diz o verdadeiro auctor do Hymno Portuguez!»

Não se encontrando onde devia, o hymno está impresso no *Thesaurus* de Dolman, citado no começo d'este artigo, em 7 estancias de 5 versos, (anno 1857) e no *Paroissien Romain Complet*, Tours 1858, em 5 estancia de 7 versos, que differe da versão conhecida na Inglaterra. Outro tanto succede com o *Paroissien* de Paris, impresso por 1862.

Esta publicação do hymno fóra de Inglaterra desorientou os estudiosos, que diziam — se o hymno é popular, portuguez e catholico, porque se não canta fóra d'Inglaterra? Onde é que elle está impresso no continente, como elles chamam á Europa?

Está impresso na Europa, como verêmos, e canta-se e cantou-se no Sul da França e em Roma. Está generalizado entre nós pelas *Cantiones Sacrae* de Mohr (1878), pelo seu *Manual of Sacred Chant*, pelo conhecido *Manual du Chantre* ou *Recueil des Chants ecclesiastiques* impresso em Paris, 1874-78, pelo *Recueil* de egual titulo de Gomant, sem data, etc.

Encontra-se em angliarno em versões diferentes, provando assim pelas variantes o seu character popular n'estes 3 reinos. Está impresso nos *Hymns* para uso da Igreja da Santa Trindade de Hurstpierpoint, 1861; no Missal publicado em 1862 por James Duffly em Dublin, nos *Hymnos* editados por Bosworth, Harrison e H. J. Brooks em 1864, na *Key of Heaven* pelo bispo Murphy em 1869, etc.

Este hymno tambem invadiu a America; e Duffield nos *English Hymns*, 3.<sup>a</sup> ed. New York 1888, diz que na 9.<sup>a</sup> edição do *Brazil* de Fletcher se attribue o *Adeste Fideles* a Marcos Portugal!

Publiquemos o hymno—antes de liquidar esta phase da questão,—porque do seu conhecimento directo, como texto, pode dimanar alguma luz sobre a sua mysteriosa origem e historia. Tirámo-lo do *Thesaurus* de Dolman, com excepção da 4.<sup>a</sup> estancia, que alli se não encontra.

Adeste fideles! loeti triumphantes,  
Venite, venite in Bethlehem!  
Natum videte, Regem Angelorum:  
Venite adoremus, venite adoremus,  
Venite adoremus Dominum.

Deum de Deo, lumen de lumine  
Gestant puellæ viscera,  
Deum verum, genitum non factum,  
Venite adoremus, etc

En grege relicto, humiles ad cunas  
Vocati Pastores adproperant;  
Et nos ovante gradu festinemus;  
Venite adoremus, etc.

Stella duce magi, Christum adorantes  
Aurum, thus et myrrham dant munera;  
Jesus infanti corda probeamus;  
Venite adoremus, etc.

Aeterni Parentis splendorem eternum,  
Velatum sub carne videbimus,  
Deum infantem, pannis involutum,  
Venite adoremus, etc.

Pro nobis egenum et foeno cubantem  
Piis foveamus amplexibus:  
Sic nos amantem, quis non reclamaret?  
Venite adoremus, etc.

Cantet nunc hymnos chorus Angelorum,  
Cantet nunc aula cœlestium:  
Gloria in excelsis Deo;  
Venite adoremus, etc.

Ergo, qui natus die hodierno,  
Jesu, tibi sit gloria  
Patris aeterni Verbum caro factum:  
Venite adoremus, venite adoremus,  
Venite adoremus Dominum.

Onde foi cantado este hymno em Portugal? Sel-o-ha ainda hoje? No offertorio, ou só pelo Natal? Quem foi o seu autor?

A pag. V do Prefacio da 6.<sup>a</sup> edição do *Brazil and Brazilians* por Kidd e Fletcher, London, 1879, um dos auctores, o rev. James C. Fletcher refere-se a Marcos Portugal—o compositor do famoso «Hymno portuguez» cantado em todas as terras christãs.

Em nota protesta contra o erro dos inglezes e dos americanos, que o attribuem a Reading, a quem chama Redding. E repete por duas vezes que Portugal compoz aquella aria para musica de igreja, que a fez sobre as palavras *Adeste fideles*, e que foi cantada durante o offertorio na Igreja Catholica Romana.

Ignoramos os fundamentos de uma tal affirmacão, pois que Portugal nasceu em 1762, e este hymno já estava manuscripto pelo menos em 1751, como atraz vimos, no *Cantus Diversi* do padre Wade. Tel-o-ha Portugal introduzido no Brazil, e d'ahi a confusão do padre Fletcher, que é aliás escriptor serio e bem informado?

Não o sabemos. O problema continúa pois aberto, e é interessante porque o hymno se assemelha aos primeiros compassos do *presto* da Sonata em *si b* menor de Bach (J. S.) para violino e piano. Inspirou-se o grande

mestre no hymno, ou foi casual encontro de idéas?

Dir-me-hão que talvez se achasse na propria legação portugueza a chave d'este mysterio. Ai de mim! Lá fui e por duas vezes, sem encontrar ninguem. Escrevi ao Secretario, não me respondeu, talvez porque isto não fosse *questão diplomatica*!

Que mais fazer? Colligir todos os dados segundo a possivel filiação historica, coordenal-os chronologicamente, e publical-os, para que futuros investigadores os aproveitassem.

Eis o que fizemos.

Londres, 3 de abril de 1905.

CARLOS DE MELLO.



CARTAS A UMA SENHORA

LXXIXI

De Lisboa

COM tão lindos dias como os que aqui n'este momento nos deslumbram e delicias, não é precisamente da vida que nós devemos dizer mal; poderemos comtudo, dizel-o, ou pelo menos pensal-o, dos homens e das cousas; para não perder o habito que, segundo parece, nos está na massa do sangue.

Ora eu não constituo excepção e, como tem visto, bastas vezes hei incorrido já n'esse feio peccado; pelo que agora mesmo, apezar de me entrar pela janella, em ondas, a luz de oiro do sol bendito, de não estar soffrendo nem do coração nem do figado, ou d'outro qualquer miúdo, d'esses que não raro atrapalham a existencia de uma pessoa: agora mesmo, confesso-lhe, que nutria um secreto gostinho de arranchar á má lingua, — se tivesse com quem.

Mas — oh! os seccantes *mas* — lembrando-me que escrevo a uma senhora e que a funcção do seu sexo é, conforme opina o estranho Amiel, a funcção do azote: — retardar as combustões, afigurou-se-me que não ganhava nada em ir provocar uma d'aqui.

V. Ex.<sup>a</sup>, d'ahi d'onde está, fatalmente a retardaria, o que para a questão que eu tinha em mente, seria uma dos diabos, com perdão da minha amiga.

Assim, não, não falarei mal de ninguem, nem mesmo de mim, que era talvez por quem deveria principiar, não lhe parece?

O philosopho José de Maistre escreveu um dia o seguinte:

«J'ignore ce qu'est la conscience d'un coquin mais je connais celle d'un honnête homme: c'est épouvantable».

O *honnête homme* a quem se referia provavelmente era elle proprio, e applicando *el cuento*, eu tambem, a querer detrahir o meu proximo, teria, em rigor, de me incluir no numero, porque, no fundo, tambem devo ser fresco...

Fica portanto assente que hoje não lerá de mim phrases azedas e apenas o que não prometto é que não me escape alguma um tudo nada amarga; mas — v. ex.<sup>a</sup> o sabe — amargo e azedo não significam exactamente a mesma cousa...

Sejamos porém sinceros, sejamos verdadeiros, que a sinceridade e a verdade teem, lá o affirmou Benjamin Franklin, um certo brilho proprio, que não admite contrafacções, e são como o fogo e como as chammass — que não podem pintar-se.

Assim, por exemplo, eu bem desejaria occupar-me só de captivantes e delicadas cousas, deixando, conforme lhe disse, as pessoas em socego; recordando-me, comtudo, que quando esta carta chegar ao seu poder se estará aqui solemnizando talvez o centenario de Bocage, de Bocage o immortal bohemio da Poesia e da Arte que por desgraça d'elle, e simultaneamente vergonha nossa, não soubemos nem conhecer nem apreciar, declaro-lhe que não posso reprimir um movimento de desanimo e de tristeza, ao attentar que se elle houvesse nascido hoje, n'esta nossa tepida terra dos claros céus e das limpidas aguas, succeder-lhe-hia, sem a menor duvida, o mesmo que lhe succedeu — se não fosse peor...

Sim querida amiga, não obstante o caminho andado, nós, os de Portugal, em determinados assumptos conservamo nos — como direi? — conservamo-nos adormecidos, estacionarios, anquilosados; alguns escreveriam, barbaros, alguns escreveriam, primitivos...

E assim essa nobre, essa estranha e fina flôr de Belleza que se chama o Genio, não achou então, não acharia ainda hoje entre nós aquella atmosphaera doce, aquella ambiente amigo d'outras paragens, que mais maltratadas dos Fados em certos dons, gosam, todavia, desde longas eras immemoriaes, da graça soberana de a cultivarem, de a enriquecerem, de a possuirem na plena exuberancia da sua seiva e do seu fulgor..

Olhe v. ex.<sup>a</sup> — ai que lá ia descambando para o terreno traiçoeiro das personalidades!...

Não, não precisa olhar; muito bem vê e muito bem sabe tudo quanto eu quizesse especialisar no capitulo nomes...

Emfim, esperemos, esperemos sempre, que talvez vejamos ainda uma nova renascença nacional, e os netos dos nossos filhos a todos nos reabilitem; depois, já a esse tempo o nosso habitual mau humor haverá passado, porque, em minha debil opinião, esse mau humor porventura provém, em parte, do nosso subsolo, que mais ou menos soffre de infiltrações varias mas mal cheirosas todas, e que a nós nos inquinam também, dando-nos a estéril politica, a cahotica administração, as periclitantes finanças, etc., etc., que nós caracterisam agora, o que entao desapparecerá de vez. — mercê de novas tubagens — para os corpos e para as almas, para as materialidades da terra e para as aspirações do céu...

AFFONSO VARGAS

## Paul Lacome

Paul João Lacome d'Etalénx nasceu em Houga (França) em 4 de março de 1838.

Pertencendo a uma familia de musicos, consagrou-se principalmente a esta arte; depois de ter conquistado o premio de um concurso de opereta foi, em 1860, estabelecer-se em Paris.

Occupou-se primeiro de litteratura, collaborando em varias revistas litterarias, em que se tornou notavel pelas suas criticas a um tempo espirituosas, eruditas e profundas; publicou mesmo algumas obras, taes como *La musique en famille*, etc.

Vendo depois que a critica não era o seu verdadeiro caminho, abandonou-a quasi por completo para se votar inteiramente á composição.

Paul Lacome é na actualidade um dos musicos mais estimados e populares da França.

Deve sobretudo a sua reputação á originalidade do seu talento, em que a *verve* e a distincção se conjugam superiormente com uma grande facilidade na invenção melodica.

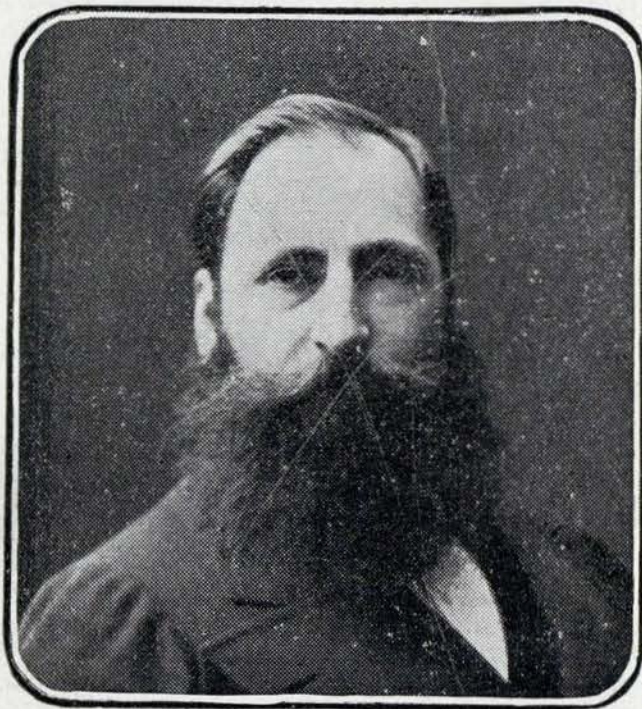
O *maestrino* francez tem cultivado todos os generos com egual exito.

Como musico puramente instrumental conhecemos-lhe as famosas *suites* d'orchestra, que tem por titulo *La Feria*, *Mascarade*, *Gitanilla*, *Un soir à Tanger*; mais de 200 melodias, entre as quaes é sobejamente conhecida a *Estudiantina*, que Waldteufel transformou em valsa e que tem percorrido o mundo inteiro; além d'isso, trios e quartetos muito apreciados.

Mas é acima de tudo na opereta que o seu talento se tem mais livremente exercido e n'esse genero especial poucos egualarão a encantadora fantasia e a frescura melodica, com que se tem notabilisado o distincto artista que agora nos occupa.

As mais applaudidas das suas peças são as seguintes que vamos indicando com a data da sua primeira representação: — *La dot mal placée* (28 de fevereiro de 1873), *Jeanne*, *Jeannette et Jeanneton* (27 de outubro de

1876), *Le beau Nicolas* (8 de outubro de 1880), *La nuit de la Saint-Jean* (13 de novembro de 1882) *Madame Boniface* (20 de outubro de 1883), *Myrtille* (27 de março de 1885), *Les Saturnales* (26 de setembro de 1887), *La Gardeuse d'oies* (26 de outubro de 1888), *Les quatre filles d'Aymon*, *Pâques fleuries*, *Le mouton enragé*, *Le maréchal Claudron*, etc. Paul Lacome que além de official da Instrucção Publica, é condecorado com a Legião de Honra, e a ordem de Carlos III, vive retirado na sua villa de Houga, e consagra a maior parte do seu tempo a um minuscuro Conservatorio que, conjuntamente com Francis Planté, fundou em Mont-de-Marsan, proximo da sua terra natal.





Anima se extraordinariamente este principio de epoca e as festas musicas succedem-se quasi sem interrupção.

Para seguir a ordem chronologica, começaremos pelos concertos de Thibaud e Hekking, no Porto, a que já aqui alludimos de passagem, mas a que hoje destinamos mais larga apreciação.

Tiveram logar a 27 e 29 do mez passado, no theatro Gil Vicente, onde o *Orpheon Portuense* realisa agora os seus saraus.

André Hekking, violoncellista de incontestavel merecimento, já era vantajosamente conhecido no Porto, pois que ha annos o contractara o mesmo *Orpheon* para dois concertos e n'elles tivera a consagração de um numeroso auditorio.

O exito d'esta vez não foi menor e bastariam as *Sonatas antigas* de Porpora e Valentini, para lhe estabelecer boa fama, se a já não tivesse brilhantemente grangeado.

Tocou alem d'isso a solo a *Ave-Maria* de Max-Bruch; a *Rapsodia hungara* de Popper, os *Cantos russos* de Lalo, a *Dansa hungara* de Brahms e *Le Cygne* de Saint-Saens.

José Thibaud, irmao do notabilissimo violinista que todos conhecemos, é, no dizer do nosso obsequioso informadôr, artista valioso pelo bom acabamento technico do seu jogo e ao mesmo tempo um *diseur* muito interessante do piano.

Suscitou bem merecido agrado na *Appassionata* de Beethoven, em dois *Nocturnos* de Chopin, na 11.<sup>a</sup> *Rapsodia* de Liszt, em tres pequenos trechos de Schumann, na *Ballada em sol menor* de Chopin, na *Romance em mi bemol* de Rubinstein e nas *Etinzelles* de Moszkowski.

Citaremos tambem as peças de conjuncto, que não foram das menos applaudidas — a *Sonata* de Grieg (op. 36), a *Polonaise* de Chopin e o terceiro *Trio* da op. 1 de Beethoven, a que o notabilissimo violinista portuense Bernardo Moreira de Sá prestou o concurso do seu peregrino talento.

Como se vê os concertos do *Orpheon Portuense* abriram este anno com chave de ouro.

A 9 e 11 d'este mez proseguiram as festas d'esse benemerito instituto com a apresentação da cantora Elisa Kutscherra.

A nota que acompanhava os programmas diz que M.<sup>me</sup> Elisa Kutscherra de Nys é cantora da côrte imperial da Allemanha e uma das mais celebres interpretes de Wagner,

tendo começado a sua carreira artistica no theatro Real de Saxe-Coburgo-Gotha, onde foi condecorada com a ordem «pelo merito».

Depois foi successivamente contractada pelas Operas de Berlim, Dresde, Vienna, Praga e pelo theatro da *Monnaie* (Bruxellas) para onde foi reconduzida tres vezes seguidas.

Em Paris deu uma serie de representações na Opera e tem cantado em varios concertos Colonne.

As noticias que temos d'estes concertos são o mais lisongieras possivel para a illustre artista. Diz o *Primeiro de Janeiro*:

«A sua voz de soprano dramatico, é d'um timbre agradabilissimo e sonoro, destacando-se sobretudo no registo grave, pastoso e avelludado. Mas o que mais prende, o que mais encanta é a certeza, a segurança e a facilidade da emissão e especialmente a maneira doce e insinuante de phrasear.

Com taes qualidades facilimo é deprehender-se como M.<sup>me</sup> Elisa Kutscherra interpreta as obras primas dos grandes mestres e especialmente como faz realçar essas differentes escolas, cada qual mais caprichosa e difficil.»

São tambem muito elogiosas as referencias ao professor Xisto Lopes, que se encarregou dos acompanhamentos e que os fez como abalisado mestre que é.

M.<sup>me</sup> Kutscherra está contractada para cantar o *Fidelio* na Opera Comica de Paris, em janeiro.



Os tres concertos de Paul Kochanski no D. Amelia, a 28 e 30 novembro e 3 dezembro, contam entre os mais interessantes acontecimentos musicas da quinzena.

Eis um artista que, sem ter o classicismo e a impeccabilidade dos grandes luminares do virtuosismo, tem comtudo dotes que o collocam a uma enorme distancia da craveira commum.

E' desigual, se quizerem; terá extranhas aberrações de estylo e pouca nitidez ás vezes. Mas a par d'esses senões, tão desculpaveis em um moço de pouco mais de 20 annos, que bellas cousas nos diz no seu violino e com que fogosa vivacidade nol'as transmite muitas vezes!

Os concertos de Wieniawski, de Mendelssohn e de Paganini, foram as peças de maior tomo que Paul Kochanski nos apresentou. Alem d'isso um sem numero de trechos do mais variado estylo e indole, desde as culminancias da *Chaconne* de Bach, a frisar as nuvens da grande arte, até ás *bruxarias* de Paganini, a rastejar pelos europeis da mais reles cabotinagem musical.

Fazer uma analyse da execução de cada

uma d'essas obras seria um improbo trabalho, sem interesse de maior para o leitor e com lamentavel desperdicio para as nossas poucas columnas.

Baste-nos dizer que Kochanski, artista que se ouve sempre, apezar da desigualdade do seu jogo, com a mais legitima satisfação, teve momentos em que largamente nos compensou, na grandeza da sua dicção e no brilhantismo da sua technica, dos momentos menos felizes em que porventura tergiversou.

Venham sempre artistas d'esse quilate e não haverá motivos de queixa.



No domingo, 10, houve no theatro de D. Maria, uma *matinée* promovida pela Tuna Commercial de Lisboa, a que não podemos assistir, nem para a qual mesmo tinhamos sido convidados.



Seguiu-se, na noite de 11, no Salão do Conservatorio o primeiro concerto da presente série, organizado pela *Real Academia de Amadores de Musica* e, antes de tudo, receba a sympathica sociedade os nossos emboras pela reaparição do seu mestre, cuja saude assaz periclitante durante o verão ameaçava impôr uma forçada interrupção nos variados trabalhos que lhe impendem.

Felizmente, vimol-o conduzir a sua orchestra com uma svelteza e vigôr que claramente demonstram ter passado por completo a crise.

N'este concerto tivemos o prazer de ouvir mais uma vez a distincta cantora sr.<sup>a</sup> D. Africa Calimerio, cuja deliciosa voz emocionou profundamente o auditorio.

A *preghiera* da *Tosca* foi dita com verdadeira sentimento artistico e bisada, a instantes pedidos do publico. Cantou tambem a illustre amadora, na 3.<sup>a</sup> parte do concerto, uma romanza de Sanfiorenzo, muito *ancien régime* e de gosto assaz duvidoso, que apezar d'isso foi muito bem executada e fartamente applaudida.

Das peças de orchestra vamos fazer uma rapida resenha.

Foram as seguintes: — A abertura do Freyschutz e duas melodias de Schubert, cuja execução nos deixou bastante frios; a *Suite Algerienne* de Saint-Saëns, composta de quatro numeros, dos quaes o segundo (rapsodia mourisca) foi superiormente *enlevé* principalmente na *stretta* final, o terceiro, (*rêverie du soir*), deu logar a um merecido triumpho para o sr. Carlos Estevam de Sá, no solo de violeta, que executou pri-

môrosamente e o ultimo, que pecca, a nosso vêr, por manifesta falta de originalidade, foi de resto muito soffrivelmente executado; uma longa e por vezes fastidiosa *ouverture* ingleza, com o titulo de *Noiades*, em que houve bastante unidade e firmeza; e finalmente a sardana do Garin, que a *Academia* tem tocado innumeradas vezes.



Na noite seguinte e ainda no Conservatorio effectuou-se o primeiro concerto da *Schola Cantorum* com uma nova audição da *Ressurreição de Lazaro*, do abbade Perosi, e com o duetto *delle due Marie* de uma outra oratoria do mesmo auctor, *A Ressurreição de Christo*.

A oratoria de Perosi foi superiormente traduzida, merecendo especiaes referencias os solistas, sr.<sup>as</sup> D. Maria Amelia de Souza, D. Izabel Fragozo (uma debutante de largo futuro) e os srs. Leon Jamet, Henrique Santos e José de Lima alem dos côros, cuja execução foi admiravel de empaste, unidade e côr.

Tambem merece elogios a orchestra, que, particularmente na 1.<sup>a</sup> parte da oratoria, venceu galhardamente as innumeradas difficuldades da partitura.

O duetto da *Ressurreição de Christo*, trecho de bella e larga factura, que não conheciamos, proporcionou-nos o prazer de ouvir novamente Mad. Calimerio, e pela primeira vez, um contralto de voz pastosa e lindamente timbrada, a sr.<sup>a</sup> D. Laura Madeira, que muito folgariamos ouvir de novo e muitas vezes.

Fora do programma e por gentileza especial, cantou a sr.<sup>a</sup> D. Bertha Daupias a *Ave Maria* de Cherubini e fel-o com o primor de sempre.

Deve-se pois mais uma bella *serata* musical ao maestro Sarti, a quem cordealmente felicitamos e applaudimos.



O 2.<sup>o</sup> concerto d'esta serie, organizado pela *Sociedade de Musica de Camara*, realisou-se na noite immediata, isto é, hontem 14.

Compoz-se o programma do *Quinteto*, op. 16, de Beethoven, para piano e instrumentos de sopro, da *Sonata* do mesmo auctor (op. 30, num. 1), para violino e piano pelas illustres professoras D. Luiza e D. Esther Campos e do *Septuor* de Hummel, que, segundo crêmos, não era tocado em Lisboa desde a inauguração do Salão do Conservatorio.

Além das duas eximias tocadoras que já



apontamos, tomaram parte os seguintes professores e amadores: Dr. Ferreira Cardoso (flauta), José Innocencio Pereira (oboé), Severo da Silva (clarinete), Manuel Tavares (trompa), João Manuel (fagote), Antonio Lamas (violeta), D. Luiz Menezes (violoncello), Cunha e Silva (contrabaixo) e Lambertini (piano no quinteto).



No proximo domingo haverá no theatro de D. Maria, uma interessante *matinée*, promovida pelo prestigioso concertista Oscar da Silva.

Representa-se uma comedia, em cujo desempenho tomam parte a sr.<sup>a</sup> D. Maria Eça Leal e os srs. Cunha e Costa e José de Castro Guimarães.

A parte musical está a cargo da illustre professora de canto, sr.<sup>a</sup> D. Carolina Palhares, tocando o promotor do concerto, além de varias peças a solo, o celebre *Trio* de Tschaiowski, que foi por elle apresentado na serie passada da *Sociedade de Musica de Camara*.

Os *partenaires* de Oscar da Silva serão tambem d'esta vez os distinctos concertistas Benetó e Palmeiro.

Esse concerto é a festa de despedida de Oscar da Silva — dizemol'o com verdadeira magua.

O sympathico mestre vae estabelecer a sua residência no Porto, onde já conta com uma farta leccionação e onde saberão por certo apreciar não sómente os superiores dotes de artista que distinguem este notavel professor e concertista, mas ainda os primores do seu character de ouro.

Em Lisboa deixa uma lacuna que não será facilmente preenchida.

mestre de musica de infantaria 7, sr. Manoel Gloria dos Reis.

— Foi readmittido por mais 3 annos no serviço activo do exercito o musico de 1.<sup>a</sup> classe de infantaria 6, sr. José Francisco Nunes.

— Está aberto concurso nos corpos de caçadores e infantaria para musicos de 2.<sup>a</sup> classe, em cornetim, e para musicos de 3.<sup>a</sup>, em clarinete e contrabaixo.

— Por falta de concorrentes, não houve exames em infantaria 3, para musicos de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes.

— O commando do corpo de marinheiros, com o fim de regular a situação dos musicos da armada, fez n'este sentido uma proposta, que será submettida ás estações superiores.

Estes musicos, em comparação com as praças de igual categoria do exercito, estão em manifesta desvantagem.

— Pediu a readmissão por mais 3 annos no serviço activo o musico de 2.<sup>a</sup> classe de infantaria 1, sr. Antonio Joaquim Cavaco.

— Foram promovidos: á 1.<sup>a</sup> classe o musico de infantaria 12, sr. Alberto Henriques Ribeiro, á 2.<sup>a</sup> classe para infantaria 19 o musico de 3.<sup>a</sup> classe de infantaria 20, sr. Manoel de Sousa Coelho e á 3.<sup>a</sup> classe os aprendizes de musica, srs. José Pereira da Silva (de infantaria 8), Julião Ferreira do Valle (de infantaria 3) e Mario Augusto Branco, (de infantaria 26).

— Requereu passagem ao serviço do ultramar, no posto immediato, o musico de 3.<sup>a</sup> classe de infantaria 10, sr. Augusto Cesar Videira.

— Tiveram passagem: a infantaria 27 o musico de 1.<sup>a</sup> classe de infantaria 1, sr. Hermenegildo Lobo Ramalho, a infantaria 22 o musico de 1.<sup>a</sup> classe de infantaria 7, sr. Joaquim da Conceição Falcão, a infantaria 14 o musico de 2.<sup>a</sup> classe de caçadores 6, sr. Domingos da Conceição Massano, a infantaria 16 o musico de 3.<sup>a</sup> classe de infantaria 6, sr. José Alves, a infantaria 21, o musico de 3.<sup>a</sup> classe de infantaria 17, sr. João de Passos Comba e a infantaria 5 o aprendiz de musica de infantaria 18, sr. Manoel Gonçalves Pires.



PORTUGAL

Noticias militares:

— Em 24 do mez passado completou o tempo de serviço, para os effeitos da reforma, o mestre de musica de infantaria 20, sr. Francisco Alves da Costa.

— Alistou-se na guarda municipal do Porto o musico de 1.<sup>a</sup> classe, reservista, sr. José Agostinho de Deus.

— Está no goso de licença disciplinar o

Como nos annos anteriores, contamos com a inestimavel collaboração do sr. dr. Esteves Lisboa, na secção especial que consagramos aos acontecimentos mais interessantes da epoca lyrica.

Bôa noticia é esta para os nossos leitores, que não esqueceram ainda por certo a serie de brilhantes artigos que se teem publicado

todos os annos sobre cousas lyricas e que, desde o principio da nossa publicação, são devidos á penna elegante e auctorizada d'aquelle nosso eximio collaborador.

A epoca abre em 18 do corrente e é portanto no proximo numero que daremos principio aos artigos do sr. dr. Esteves Lisboa, a quem aqui deixamos consignada a expressão do nosso reconhecimento mais sincero.



Theophilo de Russell, cujo concerto em Paris se não pode realizar por motivos de saude, regressa muito proxivamente a Portugal e, apoz umas breves ferias no Alemtejo, dará, conforme dissemos, um ou mais *recitals* na nossa capital.



Muito agradecemos o offerecimento do almanach *A Nossa Patria*, que faz um admiravel *pendant* com a belleza graphica e riqueza litteraria da revista que tem o mesmo nome e que tambem pontualmente nos tem sido enviada.

O precioso almanach que acabamos de receber é um repositório encantador de contos, poemetas, anedotas, conselhos, receitas, etc., tudo profusamente illustrado de numerosas gravuras, assignadas pelos primeiros artistas.

Tanto a *Nossa Patria* almanach, como a *Nossa Patria* jornal, se devem á iniciativa talentosa e arrojada do nosso illustre collaborador e amigo, sr. Alberto Bessa, a quem felicitamos calorosamente por tão interessantes publicações artisticas.



Visto não haver por ora orgão no Conservatorio, para a nova classe dirigida pelo sr. Desiré Pâques, dará este professor as suas primeiras lições no orgão de Santo Antonio da Sé.

A abertura da matricula para este curso foi auctorizada por 15 dias.



Reuniu-se em 22 de novembro na séde do *Monte Pio Philharmonico*, edificio dos Martyres, a assembleia geral, que foi presidida pelo socio sr. Manuel José Conceição Borges, secretariado pelo sr. Francisco Lima. A assembleia foi convocada para a eleição dos corpos gerentes para o anno de 1906; o resultado foi o seguinte:

Mesa da assembleia geral — Presidente,

Manuel José da Conceição Borges; vice-presidente, Antonio Joaquim Martins; secretarios, Francisco Pereira de Lima e José A. Tavares Sargedas; vice-secretarios, José Alberto da Costa Antunes e Emilio Nunes.

Direcção—Presidente, Joaquim Filippe da Silva; vogaes, João Pereira da Neiva, Luiz José da Cruz, Anacleto Martins, Manuel Augusto do Nascimento, Wenceslau do Amaral Pinto, José Faustino da Costa; supplentes, Joaquim José Nicolau Junior, Joaquim Rodrigues Gomes.

Conselho fiscal—Presidente, Anthero Pinto Nogueira; vogaes, Arthur Manuel Duarte, Julio Cardona, José Nepomuceno Ramos, Antonio da Cruz; supplentes, Joaquim Rodrigues e João José Dantas.

Commissão de serviços artisticos—Presidente, Ernesto Vieira; vogaes, Julio Neuparth, João Antonio da Silva, Severo da Silva, João Carlos da Costa; supplentes, Julio Cardona e João Manuel Gonçalves.



O sr. Laurentino de Serra e Moura, regente da banda dos Bombeiros Voluntarios Caldenses, deixou a direcção d'esta banda para ir fixar a sua residencia em Madrid.



A *Tuna Academica de Lisboa*, sob a direcção do sympathico professor Wenceslau Pinto, vae fazer uma digressão a varias cidades do Algarve.



Chegou ao Porto o sr. Alvaro Baptista, tenor que tem estado em Milão, estudando canto para seguir a carreira lyrica. O sr. Alvaro Baptista que possui magnifica voz, foi passar algum tempo com seu pae, o sr. commendador Joaquim d'Oliveira Baptista, e regressa no começo de janeiro a Milão.



A temporada lyrica, 1905-1906, no Porto, abre no dia 21 do corrente, não se sabendo ainda ao certo qual a opera da estreia.

É possivel, porém, que seja com o *André Chenier*, de Giordano, opera ainda não cantada no Porto.

Os ensaios começam depois d'amanhã, devendo todos os artistas estar no Porto até ao dia 17.

Tem sido grande a affluencia dos pedidos de assignatura, que conta já as familias mais distinctas, ao que nos dizem.

## ESTRANGEIRO

A opera que o maestro Giordano tem actualmente entre mãos intitula-se *La festa del Nilo*, passando-se a acção no Egypto, por occasião da invasão napoleónica.

O poema é de Victorien Sardou.



Fez 100 annos em 20 de novembro passado que o *Fidelio* de Beethoven se cantou pela primeira vez em Vienna e por signal que com fraquissimo exito.

Essa opera lyrica de Beethoven, a unica que se deve á sua penna de ouro, foi estreada em Berlim a 11 de outubro de 1815 e em Paris (salle Favart) em 1830.

Em francez foi representada pela primeira vez em 5 de maio de 1860, no *Théâtre Lyrique*.



Um empresario de New-York acaba de contractar a bella e desafinada Lina Cavallieri por tres annos, nas condições seguintes: 7.000 francos por cada representação no primeiro anno, 150.000 francos por toda a época no segundo, e 180.000 francos na terceira.

Meu Deus, quanto vale a formosura!



Ha um violinista de Manáos (Brazil), de nome Manuel da Costa, que, no dizer dos jornaes brazileiros que temos á vista, manifesta condições de concertista, muito apreciáveis.

Em uma audição ultimamente effectuada no salão da Intendencia Municipal, d'aquella cidade, tocou, entre outras peças, o *Zapatado* de Sarasate, *Souvenir de Moscow* de Wieniawski, *Dansa das bruxas* de Paganini, *Rapsodie hongroise* de Hauser, etc.



Apesar dos tempestuosos acontecimentos de que a Russia tem sido alvo, parece que se prepara uma importante *season* musical para o presente inverno.

A Opera Imperial de S. Petersburgo reabre brevemente as suas portas com a *Esclarmonde* e em Moscow, tanto o Conservatorio como a sociedade philarmonica contractaram já numerosos concertistas e directores d'orchestra, entre os quaes se notam Rachmaninow, Ricardo Strauss, Stavenhagen, Brokhaus, Jacques Thibaud, Ysaye e muitos outros.



No theatro Verdi, de Padua, deu-se ultimamente, com bom acolhimento, a primeira representação d'uma nova opera—o *Cadore*, de Domenico Montico.

A acção do drama envolve as peripecias patrióticas de 1847-48, por occasião da dominação austriaca na Italia.



Crearam-se duas classes novas de canto no Conservatorio de Paris. A nomeação foi feita pelo Conselho Superior do mesmo instituto e por escrutinio, recahindo a maioria de votos sobre os professores Lorrain e Engel.



No terceiro centenario de Pedro Corneille, em 6 de junho proximo, executar-se-ha em Paris pela primeira vez uma nova obra symphonica de Saint-Saëns.

Está tambem em via de publicação uma segunda sonata, para violoncello e piano, do mesmo celebre compositor.



A Sociedade de Concertos do Conservatorio de Paris, executou ha poucos dias uma nova obra orchestral do illustre auctor francez Vincent d'Indy. Intitula-se *Symphonie sur un thème montagnard* e tem uma parte de piano muito importante.



Continúa, com um exito acima de toda a espectativa, a serie de audições em que o eminente pianista Eduardo Risler se propoz a fazer ouvir todas as sonatas de Beethoven, conforme já aqui dissemos.



Stefi Geyer, a joven violinista hungara, que ouvimos na época passada no theatro D. Amelia, está actualmente dando concertos em Bruxellas, agradando muitissimo.



No Tonkin (!) acaba de fundar-se uma Sociedade Orchestral, que vae estrear-se com obras de Massenet, Delibes, Bizet, etc.

Não nos faltava mais que tambem o Tonkin nos pozesse o pé adiante.

Godard, como já aqui annunciámos em tempos, vae ter uma estatua na Avenida Victor Hugo (Paris).

E' no mez de maio proximo que se deve inaugurar.

Partiu para a America o notabilissimo pianista Raul Pugno, que está escripturado n'aquella metropole, para uma grande serie de concertos.

Seguiu no mesmo vapor o illustre bibliothecario do Conservatorio de Paris, sr. Julien Tiersot, que está encarregado pelo governo francez de importantes estudos sobre ethnographia musical.

O *Quarteto Hayot*, que está este anno escripturado para o *Orpheon Portuense*, tem feito uma viagem triumphal pelas principaes cidades da Hollanda, vendo-se forçado a dar em Amsterdam tres concertos, em vez de um para que tinha sido contractado.

Em fevereiro, além do Porto, vae a Bilbao, Toledo e Madrid.

Além do violinista Hayot, compõe-se o quarteto dos reputados artistas Denayer, André e Joseph Salmon.

Não haverá ahí uma alma caritativa que os traga a Lisboa?

As novidades lyricas da Scala, de Milão, são este anno:—*La Dame de Pique* de Tschaikowski; *La figlia di Jorio*, de Franchetti; *La Ressurrezione*, de Franck Alfano; *Loreley*, de Catalani, e ainda outras obras.

Entre os artistas escripturados está o maestro Campanini, as prima-donnas Rosina Storchio e Angelica Pandolfini, os barytonos Giraldoni e Stracciari, etc.

O nosso conhecido violoncellista Pablo Casals dá no proximo dia 19, um concerto na *Grande Harmonie* (Bruxellas) com o concurso do pianista Emile Bosquet e do tambem nosso conhecido Mathieu Crickboom, excellente violinista que a plateia do D. Amelia applaudiu ha tempos.

Em Lyon fundou-se uma nova sociedade de concertos symphonicos, sob a iniciativa

e direcção do professor Witkoroski. Deu já o primeiro concerto com a *Symphonia hespanhola* de Lalo, a terceira *Leonore* de Beethoven, a *Jeunesse d'Hercule* de Saint-Saëns e outras obras não menos transcendentas.

O theatro Real de Madrid já abriu as suas portas com representações da *Tosca* e da *Africana*, tendo o tenor Viñas um lisongeiro successo em qualquer das duas obras.

O *Fidelio* de Beethoven foi representado na Allemanha 182 vezes, desde 1 de setembro de 1904 até 31 de agosto d'este anno.

Por cá, ainda a peça se não conhece...

A época lyrica do theatro S. Carlos, de Napoles, começa hoje, 15. Estão escripturados os seguintes artistas nossos conhecidos: Regina Pacini, Emma Carelli, De Marchi, De Lucia, Marconi, Mattia Battistini, Mario Ancona, Sammarco, etc.

Uma joven *virtuose* americana, Miss Margaret Anderson, está obtendo grande exito em Londres, dando concertos de... flauta!



Victimado por uma congestão cerebral falleceu em 11 d'este mez o sr. Manoel Marques da Costa, musico reformado do exercito e professor no Collegio de Campolide.

O finado tinha a medalha de prata de comportamento exemplar.

Com 66 annos, falleceu Antonio Augusto Villela, que foi durante muitas épocas corista (baixo) do theatro de S. Carlos, e fazia parte como cantor, da capella da Sé Patriarchal.

Era um bom character, sério e honrado. Morreu ao abandono.